

COM A PALAVRA

Flávio Barbosa

Innova vê mercado promissor para a petroquímica

Jefferson Klein

A petroquímica Innova, que tem sua planta localizada no polo de Triunfo, projeta um futuro otimista para a área em que atua. A empresa fabrica o estireno (matéria-prima para outras resinas) e o poliestireno (feito a partir do estireno e utilizado em produtos de linha branca, embalagens e descartáveis). O diretor-presidente da companhia, Flávio Barbosa, recorda que está dentro dos planos do grupo duplicar a capacidade de produção de estireno na unidade gaúcha passando de 250 mil toneladas ao ano para 500 mil toneladas anuais. Além de possivelmente atender à demanda pelo insumo da sua nova controladora (a compra da Innova pela Videolar foi aprovada em outubro pelo Conselho Administrativo de Defesa Econômica - Cade), a aposta é na diversificação do aproveitamento do material no Brasil.

JC Empresas & Negócios - Como o senhor vê a presença da Innova no mercado nos próximos anos?

Flávio Barbosa - Hoje, a Innova, com a Videolar, tornou-se o principal player do mercado de estireno e poliestireno no País. A intenção do acionista é que a empresa se consolide e cresça. Não somente ampliando a capacidade de produção de estireno, mas também envolvendo produtos relacionados ao estireno e ao poliestireno como, por exemplo, o EPS (mais conhecido pelo nome comercial de isopor) e o ABS (resina que pode ser utilizada em peças de automóveis, produtos eletrônicos, entre outros empregos). Estamos observando essas oportunidades para investir. Acho que, daqui a cinco anos, Innova e Videolar podem até duplicar de tamanho.

Empresas & Negócios - Neste cenário econômico, a empresa

mantém o plano de duplicação da unidade de estireno de Triunfo?

Barbosa - Apesar desse momento de indefinição da economia, a gente entende que a retomada virá e virá forte. Mas, já existe um importante mercado suprido pela importação de estireno. O principal ponto para tocarmos em frente esse projeto é a definição de matéria-prima (eteno e benzeno), em termos de garantia de volumes e preços, que é fornecida pela Braskem. E a Braskem, por sua vez, nos coloca que a matéria-prima deles, que é a nafta da Petrobras, está em processo de discussão de preços e condições, razão pela qual ela não pode nos dar nenhum tipo de garantia neste momento.

Empresas & Negócios - Quanto tempo, a partir do início das obras, levaria para ampliar a produção?

Barbosa - É um projeto que tem dois anos, dois anos e meio, de maturação. Acreditamos que dando a largada agora, ele estaria entrando em um momento bastante propício de mercado.

Empresas & Negócios - Quão a indefinição entre Petrobras e Braskem quanto ao preço da nafta preocupa o segmento petroquímico?

Barbosa - A Petrobras detém, pelas suas refinarias, o monopólio do fornecimento local de nafta e a Braskem tem o monopólio na produção e fornecimento de petroquímicos básicos. Isso faz com que toda a cadeia dependa fortemente desse fornecimento Petrobras/Braskem e da Braskem para o segmento como um todo, no qual a Innova está inserida. É óbvio que o sucesso dessa negociação, o desenrolar desse problema, é fundamental para todo o setor. Os prazos das

condições atuais do fornecimento têm sido prorrogados, mas isso gera uma insegurança do ponto de vista de investimentos. Porque a Braskem não pode garantir nada em médio a longo prazo e, conseqüentemente, as empresas não vão fazer investimentos sem terem matéria-prima garantida.

Empresas & Negócios - O senhor acredita que a turbulência enfrentada pela Petrobras com a Operação Lava a Jato pode dificultar as negociações quanto à nafta?

Barbosa - A Petrobras é uma bela empresa, tecnicamente é fantástica. Acho que essas ocorrências não podem afetar uma companhia desse porte, que tem uma responsabilidade de explorar e produzir petróleo em todo o País e distribuir combustíveis e nafta. É como pensar que a Operação Lava a Jato possa causar problemas no fornecimento de gasolina ou de diesel para a população, eu não acredito nisso. Da mesma maneira é com o fornecimento de nafta petroquímica. Claro que essas turbulências colocam a empresa em uma situação muito delicada, desgastada. Mas a vida continua.

Empresas & Negócios - Estão ocorrendo importações de estireno e poliestireno para o Brasil?

Barbosa - No caso de poliestireno, não há tanta importação,

porém de estireno sim, por falta de capacidade. Há uma importação relevante de estireno que é da própria Videolar, para fazer poliestireno em Manaus. Lá se tem mais de 100 mil toneladas de importação de estireno, devendo chegar a 150 mil toneladas.

Empresas & Negócios - Com

Para o executivo, apesar do momento de indefinição da economia, retomada do setor virá forte



JOÃO WITKOWSKI

o aumento da planta de estireno da Innova em Triunfo, a nova produção, naturalmente, terá como destino a unidade da Videolar no Norte do País?

Barbosa - Pode ir. Tudo dependerá de uma questão de momento quanto ao custo de produção versus o da importação. Lembrando que a Videolar, geograficamente, está posicionada muito próxima do golfo americano, que é onde está o estireno excedente para o mercado internacional. Então, tem um frete muito competitivo que tentaremos superar.

Empresas & Negócios - Se não for para Manaus, qual seria o destino do estireno?

Barbosa - Tendo a capacidade, temos todo um interesse de suprir o complexo de Manaus, desde que seja econômico. Mas, o mercado local também tem potencial. Temos algumas aplicações do estireno em que o mercado brasileiro é pouco desenvolvido. Por exemplo, o EPS. O consumo per capita de EPS no País é muito baixo e está muito voltado para embalagens para eletrodomésticos, enquanto no mundo inteiro há um aproveitamento muito grande para isolamento térmico. Também pode ser usado em embalagens para alimentos, como no Chile, que utiliza para exportar frutas e frutos do mar. Tem um mercado

de EPS não atendido e que pode ser desenvolvido em dois a três anos, o que vai fazer a demanda de estireno aumentar em mais 100 mil toneladas facilmente.

Empresas & Negócios - Qual o impacto para o setor petroquímico com o desenvolvimento do shale gas norte-americano? Pode ocorrer um desequilíbrio no cenário mundial?

Barbosa - Isso, no mercado internacional, é bastante cíclico, porque já surgiram outras fontes de matéria-prima petroquímica muito baratas. A principal que surgiu, e balançou o mundo inteiro, foi no Oriente Médio quando havia gás associado à produção de petróleo. O produto era queimado e se passou a investir para separar esse gás, em etano, e gerar, a partir daí, um eteno muito barato. Isso balançou o mercado, mas balançou o mercado de eteno e de polietileno. O shale gas também tem uma boa parte dessa conotação, porque também é muito voltado para a produção de etano e eteno. Contudo, só produz eteno e a petroquímica vive de propeno, benzeno, xileno e, para isso, é preciso de outro tipo de produção. Quando se tem uma produção a base de nafta, há valores agregados nesses outros produtos. Então, o shale gas balança sim, mas não substitui tudo, porque é preciso produzir esse outros químicos.